

Miguel Dultra e a Festa do Divino em Itu: uma análise iconográfica

Leonardo Leite dos Santos
Marcos da Cunha Lopes Virmond

Resumo: A criação musical na São Paulo oitocentista tem sido pouco estudada, frente ao maciço interesse da musicologia brasileira com as manifestações mais vistosas da música na corte imperial do Rio de Janeiro e, anteriormente, na produção sacra do que se convencionou chamar de Barroco Mineiro. Um exemplar caso dessa condição é a figura de Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dultra, (1812-1871), nascido em Itu, negro, um artista multifacetado, tendo estudado música e pintura. Dultra deixou importante registro iconográfico da cidade de Itu, tanto do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, mas também de sua vida social. Entre elas, se salienta uma aquarela referida como “Festa do Divino”, depositada atualmente no Museu Paulista da USP. Dada sua relevância para entender a música, em seu contexto etnográfico e orfanológica, como praticada em Itu no século XIX e seus reflexos na vida musical paulista, buscaremos analisá-la, do ponto de vista da iconográfica segundo os preceitos propostos por Erwin Panofsky. A Festa do Divino é uma tradição cristã muito difundida em todas as regiões do Brasil e de real importância no repertório etnomusical. Ainda que as manifestações apresentem característica próprias ao longo do tempo e dos espaços da festa, no seu aspecto geral, a Folia do Divino é um evento musical ritualístico de tradição cristã em que, em um dos seus mais evidentes momentos, um conjunto de músicos sai em itinerário visitando as casas de famílias que se apegaram a uma devoção ao Divino Espírito Santo. Nela, a música é elemento central e a prancha de Dultra revela esse momento central da Folia, que é ato de percorrer casa por casa a cidade para arrecadar donativos, abençoando o lar e permitindo pedidos e agradecimentos e afins. Assim, nesta comunicação, pretende-se analisar e entender esse evento da folia, a qual se encontra descrita imageticamente na prancha de Dultra, dada sua relevância para entender a música, em seu contexto etnográfico e organológica, como praticada em Itu no século XIX e seus reflexos na vida musical paulista. Complementarmente, a informação da prancha será comparada com outras representações do mesmo evento em realizações sincrônicas em outras regiões do país.

Nota do Editor: A apresentação deste trabalho durante o evento recebeu o Prêmio RIdIM-Brasil 2023.

Introdução

A criação musical na São Paulo oitocentista requer estudos adicionais para que sua produção possa tomar o devido lugar na historiografia musical brasileira. De fato, na província de São Paulo produzia-se música em qualidade similar, ainda que talvez em menor quantidade, do que nos centros mais avançados, como Rio de Janeiro, Salvador e cidades de Minas Gerais. Um exemplar caso dessa condição é a figura de Miguel Archanjo Benício de Assumpção Dultra, nascido na cidade de Itu, em 1812. Negro, de família de escravos libertos, atuou como agente cultural em Itu, Itatiba e Piracicaba, onde faleceu em 1874.

É considerado um artista multifacetado, “poliédrico”, como o qualificou o historiador e crítico italiano Pietro Maria Bardi (1981, p. 7). O adjetivo, bem colocado, deve-se a sua múltipla atividade, descrita no jornal O Piracicabano, de 22 de setembro de 1896, no qual uma homenagem póstuma dedicada a Miguel Dultra o descreve “... era versado em quase tudo: bom ourives, pintor, escultor, arquiteto, bom músico, excelente organista; bom latinista, versado em teologia, reunindo a todos estes dotes a mais fina educação.” (apud JÚNIOR & SOUZA, 1980, p. 6).

Miguel Dultra estudou música e pintura no Convento Franciscano São Luís de Tolosa, em Itu. Foi aluno de Frei José de Santa Delphina, além de ter cantado no coro do padre e músico Jesuíno do Monte Carmelo (DE FRANCISCO, 2012), o que certamente o influenciou musicalmente dada a admiração que tinha pela obra de Jesuíno. Sobre ele, escreveu Dultra: “*foi insigne compositor: suas produções, daquele tempo, rivalizam-se com as mais sublimes obras, deste nosso tempo.*” (DUTRA, p. 69).

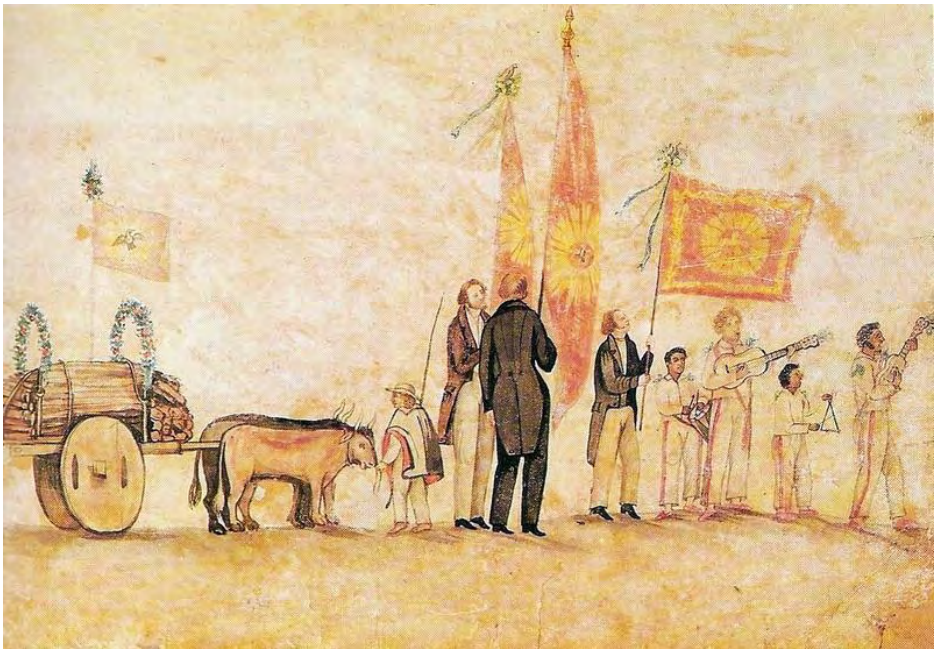
Como artista plástico, Dultra tem importância singular, especialmente como aquarelista, registrando fragmentos da vida da Província de São Paulo, como destaca Petri:

Miguelzinho é considerado, juntamente com Hércules Florence, Jean Baptiste Debret e Adrien Taunay, uma das fontes preciosas da documentação iconográfica paulista do século XIX e um dos precursores das artes plásticas no Brasil. (...) enfocando cenas de rua, tipos e costumes populares, igrejas, estando, portanto, integrado na vida provinciana de São Paulo. (MASP, 1981, p. 5)

Nesse sentido, Dultra deixou importante registo iconográfico da cidade de Itu, tanto do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, mas também de sua vida social. Entre elas, se salienta uma aquarela referida como “Festa do Divino”. Dada sua relevância para entender a música, em seu contexto etnográfico e organológica, como praticada em Itu no século XIX e seus reflexos na vida musical paulista, buscaremos

analisar, do ponto de vista da iconografia, segundo os princípios estabelecidos por Panofsky (1995), essa aquarela de Dutra (Figura 1).

Figura 1 – *Festa do Divino*. 1841. Miguel Dutra. Aquarela sobre papel 24,0 x 34,8 cm



Fonte: Acervo Museu Paulista da Universidade de São Paulo.¹

O método de análise de Panofsky estuda a constituição e o significado de imagens figurativas, sua influência das ideias filosóficas, teológicas e políticas. Paralelamente aos propósitos e inclinações de artistas e patronos, e as conexões entre o conceito inteligível e a forma visível que assume em cada caso específico, sendo possível criar paralelos com a citação de Chartier (1988) que afirma a construção da representação.

E, assim como as obras de arte da época procuram tão frequentemente exprimir, para além de seus conteúdos simplesmente visíveis, todo um conjunto de pensamentos cujo sentido é alegórica ou simbolicamente apresentado (jamais a ciência dos emblemas e das alegorias floresceu tanto como nessa época); assim como, por referência às obras contem-

1 Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Miguelzinho_Dutra_-_Festa_do_Divino,_1841.jpg

porâneas cujas significações são frequentemente alegóricas, as obras do passado tornam-se objeto de interpretações igualmente alegórica; assim como, finalmente, novos esquemas vêm substituir a arte de compor segundo modelos formais do Renascimento por uma “espiritualização” da representação, também a faculdade que tem o artista de representar as coisas deve exprimir doravante um princípio mais elevado, suscetível de enobrecer o homem que apresenta dons artísticos e de preservá-lo das ameaças da dispersão e irresolução. (PANOFSKY, 1994, p. 97)

Erwin Panofsky desenvolveu o método histórico de análise a partir de um objeto artístico para reconstruir seu contexto histórico e possivelmente parte de seu processo de elaboração. O autor considera que este objeto, a prancha de Dultra para a festa do Divino Espírito Santo em Itu, possui três níveis de significado. No primeiro nível recebe o nome de Tema Natural, o segundo de Tema Convencional e o terceiro é a Interpretação.

No primeiro nível, o Tema Natural, a ideia central é a descrição puramente formal da imagem visual, ou seja, neste primeiro nível iremos visualizar a imagem e descrever.

Esse universo das formas puras, cujo significado primário é identificado numa fração de segundos, e por ter um significado passível de ser reconhecido já possui um conteúdo, denomina-se mundo dos motivos artísticos. A compreensão e exposição desses motivos correspondem à descrição pré-icônográfica da obra. Dentre os três estágios de interpretação da obra de arte, o primeiro equivale a uma ordenação dos motivos (PIFANO, Raquel, 2010, p.3)

Seguindo com as recomendações de Panofsky, durante a visualização da imagem no Tema Natural levemos em consideração o seu *locus* histórico, ou seja, o contexto histórico que a imagem foi concebida. Pifano continua:

O historiador da arte terá que avaliar o que julga ser o significado intrínseco da obra ou grupo de obras sobre as quais se detém, baseando-se naquilo que acredita ser o significado intrínseco dos demais documentos da civilização historicamente correspondente à obra em estudo. (PIFANO, Raquel, 2010, p.3).

O segundo nível nos faz relacionar as figuras componentes a um determinado conceito, uma vez que as figuras analisadas possuem significados dinâmicos,

no sentido que ele se modificará dependendo do contexto histórico, sendo pertinente analisar figuras em diferentes períodos da história para entender mais a fundo seu significado no contexto principal da análise.

Por fim, chegamos ao nível mais profundo do método de Panofsky, a Interpretação que recebe o nome de Tema Conteúdo. Aqui o analista da imagem utiliza seu arcabouço bibliográfico para interpretar os detalhes da imagem, por meio de suas figuras, e posteriormente ela como um todo. O autor nos alerta a recolher o máximo de informações em documentos variados, mesmo que alguns não se relacionem aparentemente com o tema tratado na imagem. Em outras palavras, o último nível seria o momento das considerações finais, portanto caminharemos para as considerações deste texto.

“Festa do Divino Espírito Santo”, aquarela de Miguel Dultra

A aquarela se encontra depositada no Museu Paulista da USP e a descrição da prancha indica uma aquarela sobre papel, 24 cm x 34,8 cm, data de 1841. Nesta prancha de Dultra verifica-se praticamente apenas um plano frontal. Nele identificamos, da esquerda para a direita, um carro puxado por parelha de boi contendo feixes de lenha protegidos por cobertura e encimado por uma bandeira do Divino em mastro. Adorna o conjunto dois arcos com flores. O carro é conduzido por uma figura masculina empunhando uma longa vara. Na sequência, e no foco central da prancha, encontramos três figuras masculinas em vestes sofisticadas, cada uma empunhando uma bandeira do Divino engalanada com adereço de fita. Ainda no mesmo plano frontal, e concluindo o conjunto pictórico, vemos um grupo de quatro músicos em veste simples. O primeiro porta um tambor com baquetas, segundo uma guitarra portuguesa, o terceiro um triângulo com ferrinho e o último uma viola.

A Festa do Divino

A Festa do Divino é uma tradição cristã muito difundida em todas as regiões do Brasil, fazendo paralelo em sua importância etnomusical com a Folia de Reis. Ainda que as manifestações apresentem característica próprias ao longo do tempo e dos espaços do evento, no seu aspecto geral, como refere Silva Ramos (2019, p.18) a Folia do Divino é um evento musical ritualístico de tradição cristã em que um conjunto de músicos sai em itinerário visitando as casas de famílias

que se apegaram a uma devoção ao Divino Espírito Santo. Nesse sentido, a Festa do Divino é caracterizada por um processo de itinerância musical peditória diurna. Conduzindo suas preces e dizeres com música, uma característica da Festa é que os músicos podem apresentar texto improvisado e de acordo com um determinada situação ou característica da casa visitada, o que empreste especial agrado à família que os recebe, pois que estes se sentem dignificados pela deferência dos músicos.

Sua origem mais ancestral parece remontar à época da Rainha Santa Isabel, esposa do sexto rei de Portugal, D. Dinis, na virada para o século XIV. Nesse sentido, o mote da festa é a celebração do Divino Espírito Santo e tem como alvo a distribuição de esmola para os pobres. Tradicionalmente, ela ocorre cinquenta dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes (BRASIL, sd, p. 13).

Saliente-se que a Festa do Divino é extensa, complexa e multifatorial, com eventos diversos ocorrendo em tempos distintos ao longo do período da festança. Nesta comunicação, pretende-se exclusivamente analisar e entender um dos momentos dessa folia, a qual se encontra descrita imageticamente na prancha de Dultra.

A música da Festa do Divino

Constituída de variados eventos, o que se constituiria na Folia do Divino, a música é elemento central e constante ao longo dos dias em que se desenrola a festança. No que concerne a prancha de Dultra, ele indica um dos eventos centrais da Folia, que poderia ser considerado como a “visitação”. Melhor define esse momento Braga e Vasconcelos (2020, p. 2) que a referem como a “desobriga”, ou seja, o “... ato de percorrer casa por casa a cidade, as comunidades ribeirinhas e até mesmo municípios vizinhos, com o intuito de arrecadar donativos para a realização da Festa do Divino Espírito Santo”. Entretanto, a visão de Silva Ramos (2019, p. 19) em que a visita representa “Esse ritual representa, para os envolvidos, a visita do próprio Espírito Santo, abençoando o lar e permitindo pedidos, agradecimentos e afins.”. o que indica que a arrecadação dos donativos, ainda que relevante operacionalmente, não é o foco principal do evento, pelo menos para a casa visitada.

Interessa, então, compararmos iconográfica e organologicamente, as representações dessa “visitação” da Festa do Divino, partindo da matriz de Dultra a comparação com a realização atual da Festa do Divino em Itu revela uma relação análoga, cultural e musicalmente, à expressão gráfica de Miguelzinho, o que possibilita um entendimento de como essa organização musical e organológica se estabelece e se modifica no tempo e no espaço. Ainda que a diversidade do grupo

musical possa ter sofrido importantes modificações ao longo do tempo e da região onde ocorre a festa, em termos básicos, a composição do grupo parece seguir um padrão regular. Assim, além da prancha de Dultra, o documento matriz, usaremos registros atuais da Festa do Divino em Itu (Figura 2).

Figura 2 - Folia do Divino em Itu



Fonte: Jornal *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba (01/06/2019)²

Comparativamente, a formação musical e organológica da referida representação iconográfica de Dultra é quase inalterada ao que se faz ainda hoje na Festa do Divino de modo geral, extinguindo-se somente o uso do triângulo. Observando a figura 2, dos instrumentos que são hoje utilizados, em Itu, especificamente, encontram-se:

- Violas (caipira, de dez ordens)
- Tambor com baquetas
- Violão (em substituição à guitarra portuguesa)
- Coro

Esses músicos instrumentistas são os mesmos que cantam, majoritariamente em divisão de terças. Na prancha, é possível observar o detalhe nas bocas

² Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/blogs/agenda-metropolitana/fofia-do-divino-toma-conta-do-centro-de-itu-neste-domingo/>

dos músicos, abertas, o que revela um cuidado de Miguel Dultra em retratar tal particularidade, indicando que os músicos estivessem tocando e também cantando. Atualmente, um coro também acompanha o cortejo, tendo como função principal adensar a música, dando volume à cantoria dos músicos violeiros. Em cada casa visitada, o coro entoia uma das Jaculatórias do Divino Espírito Santo, do compositor ituano Elias Álvares Lobo.

Outros elementos que compõem a prancha de Dultra estão ainda presentes atualmente. A bandeira, que porta no centro a gravura da pomba branca, símbolo do Espírito Santo, é ornamentada com flores e fitas coloridas, de sete cores, representando os sete dons do Divino Espírito Santo.

A figura do alferes, que carrega a bandeira, está também ilustrada por Dultra no centro de sua prancha: três figuras masculinas trajadas de maneira sofisticada, que sustentam as bandeiras do Divino, estão em destaque no centro do conjunto pictórico. Esse pessoa é quem conduz o cortejo que faz visitas a casas, museus ou pontos importantes da cidade, os chamados “pousos”.

De acordo com a tradição, a comitiva das Folias do Divino é presidida pelo alferes, uma antiga patente militar portuguesa que equivalia a um posto logo abaixo de tenente. A este personagem compete carregar a Bandeira do Divino e anteceder os companheiros em cada visita realizada durante o trajeto. (FILHO, 2019)

Os pousos são sete, que também simbolizam os sete dons do Espírito Santo. Em cada pouso, o alferes adentra a casa acompanhado pela música. A família visitada acolhe a bandeira em um altar previamente ornamentado e, então, ouve-se a cantoria dos músicos que entoam bênçãos do Divino para aquela casa e as pessoas que os recebem.

O elemento que já não mais compõe a Festa do Divino no dia da visitação aos pousos é o carro de boi, ilustrado por Dultra com adornos em arcos de flores, transportando feixes de lenha. Este, em tempos de hoje, passou a compor o dia que antecede a festa, quando há, pelas ruas da cidade, o Desfile do Divino, com de carros de boi enfeitados com o estandarte do Divino, também acompanhados por músicos e diversos grupos escolares de Itu. O desfile tem fim na praça principal da cidade, em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora da Candelária, onde o sacerdote dá uma bênção final aos presentes.

O autor, tendo participado da Festa do Divino em Itu como músico, violeiro e cantor, tanto no dia da “visitação”, registrado por Dultra, como também no dia do Desfile do Divino, pude comprovar como a vivência prática proporciona

uma compreensão muito interessante e visível da Festa como uma importante tradição, não somente cristã ou religiosa, mas sim, etnomusical, uma vez que a música é o elemento central e vital na Festa do Divino.

Por fim, exemplificado por esta obra, nota-se o interesse de Miguel Dultra, como um artista multifacetado em documentar, neste caso um evento tradicional, com os principais elementos que o constituem e que, possivelmente, representava parte de suas vivências culturais em Itu. Assim, a prancha de Dultra apresenta meritória relevância para iconografia musical como ferramenta de conhecimento e compreensão de um fazer musical em um determinado contexto cultural (LEITE, 2012, p. 69).

Para mais, a partir do estudo da iconografia musical representada por essa obra de Miguelzinho, em comparação com o registro contemporâneo da Festa do Divino em Itu, expressa-se a possibilidade do uso do testemunho visual para fins de reconhecimento da Festa como patrimônio imaterial brasileiro.

Referências

ALVARENGA, Oneyda. *Música Popular Brasileira*. Porto Alegre: editora Globo, 1950. 330 p.

BRAGA, Tarcísio e VASCONCELOS, Tércio Macambira de. *A Irmandade da Folia do Divino Espírito Santo de Maués*. Anais do XXX Congresso da ANPPOM, 2020.

BRASIL, sd. Dossiê IPHAN. *Festa do Divino Espírito Santo*. Pirenópolis – GO. Brasília, DF. 125p.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. “Memória e Sociedade”, coord. p/Francisco Bethencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1).

DULTRA, Miguel Archanjo Benício d’ Assumpção. *Festa do Divino*. 1841 Aquarela sobre papel 24,0 x 34,8 cm. Acervo Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Fonte: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Miguelzinho_Dutra_-_Festa_do_Divino,_1841.jpg. Acesso em: 10/07/2023.

FILHO, Marinaldo Cruz. *Folia do Divino toma conta do centro de Itu neste domingo*. Cruzeiro do Sul, Sorocaba, 1 jun. 2019. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/blogs/agenda-metropolitana/folia-do-divino-toma-conta-do-centro-de-itu-neste-domingo/>. Acesso em: 04/07/2023.

LEITE, Edson Roberto. *Iconografia Musical: a tradição das imagens*. In: ARANHA, Carmen S. G.; LEITE, Edson Roberto; RODOLFO, Guilherme W. (EDS.). *MusicArte. Campo dos Sentidos*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2017. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5583673/mod_resource/content/0/LEITE_Iconografia_musica_tradicao_imagens.pdf. Acesso em: 20/07/2023.

MASP. Miguel Dutra – o poliédrico artista paulista. São Paulo: MASP, 1981.

PANOFISKY, Erwin. *Estudos de Iconologia*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

RAMOS, Carlos Eduardo de Andrade e Silva. *A música da Folia do Divino e a Festa do Divino em Guaratuba, estado do Paraná: um estudo de caso sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais / Carlos Eduardo de Andrade e Silva Ramos - Curitiba, 2019. 334 f.*